



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS CAMPUS GURUPI
CURSO DE GRADUAÇÃO DE - LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS/TEATRO**

IDÁLIA BOTELHO FERREIRA SANTOS

**O GRUPO: SOS ALEGRIA E O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA CIDADE DE
GURUPI-TO.**

GURUPI-TO

2020

IDÁLIA BOTELHO FERREIRA SANTOS

**O GRUPO: SOS ALEGRIA E O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA CIDADE DE
GURUPI-TO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes
Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – Campus
Gurupi, como exigência à obtenção do grau de
Licenciado em Artes Cênicas.

Orientadora: Professora Ma.: Marli Fernandes
Magalhães.

**GURUPI – TO
2020**

SANTOS, Idália Botelho Ferreira

Título: O GRUPO SOS ALEGRIA E O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA CIDADE DE GURUPI-TO.

Idália Botelho Ferreira Santos – Gurupi- TO, 2020.

42 fls.

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Gurupi- TO, 2020.

Orientadora: Professora Ma.: Marli Fernandes Magalhães.

Co-orientadora: Professora Suzana Santos Lopes

1. Trabalho voluntário. 2. Aprendizagem. 3. Coletivo. 4. Cumplicidade. 5. Respeito mútuo

IDÁLIA BOTELHO FERREIRA SANTOS

**O GRUPO: SOS ALEGRIA E O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA CIDADE DE
GURUPI-TO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes
Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – campus
Gurupi, como exigência à obtenção do grau de
Licenciado em Artes Cênicas.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA AVALIADORA

Prof.^a. Ma.: Marli Fernandes Magalhães
Presidente
IFTO – Campus Gurupi

Prof^o. Esp. Cristiano Alves Rodrigues
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

Prof^o. Esp. Leomar Silva Pacheco
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, por permitir estar aqui e conseguir fazer essa faculdade, pelas boas conquistas em minha vida, de ter me ajudado em todas minhas dificuldades. Apenas Deus sabe o quanto foi árdua a minha caminhada até aqui, que por muitas vezes pensei em desistir, porém o Senhor me sustentou, me amparou desde os momentos felizes e momentos de tristeza, sempre renovando minha fé e esperança de dias melhores.

À minha família, em especial meu esposo Nivaldo Ferreira dos Santos, minha filha Natália Botelho Ferreira que sempre estiveram ao meu lado me apoiando, dando forças para não desistir e minha inesquecível filha Natanny Botelho Ferreira (*in memoriam*), por ter vivido uma história linda com ela, mesmo sendo dolorosa nossa luta, embora aos nossos olhos naturais não conseguimos a vitória que tanto buscamos, nossa família juntos, mas, ainda assim, agradeço a Deus por ter me permitido viver intensamente com minha filha o tempo em que tivemos.

À minha colaboradora, Maria Eugênia Lemos Abrão Torezani, criadora e idealizadora do projeto SOS Alegria, que com toda sua boa energia e luz, forneceu preciosas informações para esse trabalho.

À minha co-orientadora, Professora Suzana Santos Lopes, que mesmo em suas atividades de trabalho e vida pessoal, dispôs tempo e atenção em contribuir para meu trabalho.

À minha orientadora, Professora Ma.: Marli Fernandes Magalhães, sempre com palavras motivadoras, me instigando cada vez mais em minha pesquisa, oportunizando novos conhecimentos e novos horizontes de perceber a arte.

Aos demais Professores, a palavra que expressa tamanha admiração, respeito e carinho por eles e agradecimento. Agradecer pela paciência, pela partilha de conhecimento, pelos ensinamentos para a vida.

E a todos que se envolveram em meu processo direto e indiretamente, aos meus colegas de turma, os meus sinceros agradecimentos.

*"Distribuir dinheiro é algo fácil e quase todos os
homens têm este poder.
Porém, decidir a quem dar, quanto, quando, para
que objetivo e como, não está dentro do poder de
muitos e nem tampouco é tarefa fácil".*

Aristóteles

RESUMO

Este trabalho, intitulado “O grupo: S O S Alegria e o trabalho voluntário na cidade de Gurupi-TO” é o resultado de relatos de experiências, com despertar para a arte, em um período muito doloroso. Para dados mais técnicos e acadêmicos se fez necessárias pesquisas bibliográficas e matérias disponíveis na internet e entrevistas. O presente trabalho teve como intuito inicialmente, fazer uma investigação sobre a história e evolução da “palhaçaria” e sua aplicabilidade no contexto hospitalar, analisar a influência dessa arte em pacientes e acompanhantes, pesquisando o trabalho dos Doutores da Alegria para dados em grandes centros urbanos. Estimular mais o conhecimento dos trabalhos voluntários, tornar público através deste, a trajetória do grupo SOS Alegria de Gurupi-TO. A pesquisa discorre sobre os aspectos da arte e em ser voluntário e seus benefícios.

Palavras chaves: Trabalho voluntário. Aprendizagem. Cumplicidade. Amor

RESUMEN

Esta obra, titulada “El grupo: S O S Alegría y el voluntariado en la ciudad de Gurupi-TO” es el resultado de relatos de vivencias, con despertar al arte, en un período muy doloroso. Para obtener más datos técnicos y académicos, fueron necesarias investigaciones bibliográficas y materiales disponibles en Internet y entrevistas. El presente trabajo tuvo inicialmente como objetivo investigar la historia y evolución del *clown* y su aplicabilidad en el contexto hospitalario, para analizar la influencia de este arte en pacientes y acompañantes, investigando el trabajo de Doutores da Alegria para datos en grandes núcleos urbanos. Estimular un mayor conocimiento del voluntariado, hacer pública la trayectoria del grupo SOS Alegría de Gurupi-TO. La investigación analiza aspectos del arte y el voluntariado y sus beneficios.

Palabras clave: Trabajo voluntario. Aprendizaje. Complicidad. Amor

LISTA DE IMAGENS

FOTO 01: Visita dos Doutores da Alegria.....	16
FOTO 02: Wellington Nogueira.....	23
FOTO 03: Apresentação dos Doutores da Alegria Cortejo Junino.....	25
FOTO 04: Apresentação dos Doutores da Alegria.....	26
FOTO 05: Caracterização dos voluntários do SOS Alegria na primeira apresentação.....	29
FOTO 06: Voluntários atuais do SOS Alegria-Gurupi.....	30
FOTO07: Apresentação do SOS Alegria Escola Municipal.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1- RELATO DE EXPERIÊNCIA: Minha vivência com contação de história hospitalar, do outro lado da historia.....	13
2- CONHECENDO A HISTÓRIA DA PALHAÇARIA: ENTENDER É PRECISO SOBRE ESSA ARTE.....	18
2.1.Conhecendo o universo Lúdico, solidário e responsável: Doutores da Alegria.....	22
2.2 Conhecendo o universo Lúdico, voluntário e responsável: Grupo SOS Alegria-Gurupi-TO.....	28
3. DESCOBRINDO POSSÍVEIS BENEFÍCIOS DO TRABALHO VOLUNTÁRIO USANDO DA PALHAÇARIA EM AMBIENTES ONDE A ARTE SE FAZ PRESENTE ATRAVÉS DE GRUPOS.....	31
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
5. ANEXO I: Termo de autorização de uso de imagem.....	35
6. ANEXO II: Formulário: Análise do trabalho voluntário do Grupo SOS Alegria-Gurupi, Tocantins.....	36
7. REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

O presente projeto se refere a busca em torno de possíveis relações positivas existentes no trabalho voluntário usando da palhaçaria em ambiente onde a arte se faz presente através dos grupos pesquisados e a contação de história no ambiente hospitalar. Os estudos aos quais a pesquisadora se debruçará girará em torno de entender o trabalho feito de forma voluntária pelo Grupo SOS Alegria¹ na cidade de Gurupi-TO, trabalho esse, dedicado por interessados em auxiliar pessoas hospitalizadas, pessoas que necessitam de atenção, assim como as crianças da casa de passagem (abrigo infantil) que é gerenciada pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e está situada na Rua 11, entre Avenidas Piauí e Pernambuco, 1447 e o Lar do idoso que se encontra no endereço R. S, 10 - Qd 24 - Parque Sol Nascente, Gurupi - TO, 77425-140, promovendo também na cidade eventos solidários. A arte feita através da contação de história se completa, aqui receberá um olhar atento e especial.

Pesquisas revelam que na cidade de Gurupi – Tocantins existe um grupo que desenvolve um trabalho semelhante aos Doutores da Alegria², o que impulsiona a busca mais detalhada sobre o tema e provoca o acompanhamento dos trabalhos realizados por esse grupo, que hoje tem o nome de SOS Alegria. Para entender um pouco mais sobre o trabalho da Instituição, foi realizado o primeiro contato com Maria Eugênia Torezani que é a fundadora do grupo SOS Alegria. A mesma informou que o projeto surgiu junto à comunidade carente, que em 2015 surgiu a ideia de fazer algo por essas pessoas, a mesma relatou que ainda não possuía conhecimento técnico acerca do assunto de contação de histórias e de palhaçaria, por isso convidou algumas pessoas que já obtinham certo conhecimento para participarem do projeto.

Este trabalho desenvolverá três capítulos, no primeiro capítulo será abordado um relato de experiência, vivência com contação de história hospitalar, do outro lado da história como esse processo de ouvir as contações de histórias junto à própria filha, momento de suma importância para essa pesquisa. Tornou-se importante e esperado considerando os dias difíceis no ambiente hospitalar que a pesquisadora vivenciou.

No segundo capítulo, pretende-se apresentar e contextualizar o tema: Conhecendo a

¹ Somos um grupo de palhaços. Procuramos ajudar todas as pessoas necessitadas. Levando sempre muita alegria e diversão a todos ...

² Doutores da Alegria é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que introduziu a arte do palhaço no universo da saúde, intervindo junto a crianças, adolescentes e outros públicos em situação de vulnerabilidade e risco social em hospitais públicos.

história da palhaçaria: Entender é preciso sobre essa arte. Pontuar ainda nesse capítulo alguns subtítulos como: Conhecendo o universo Lúdico, solidário e responsável: Doutores da Alegria, nesse momento da pesquisa é compreender melhor sobre o trabalho desse grupo em outras cidades e outras realidades. Interagindo com as técnicas utilizadas por eles como a contação de histórias. Depois identificar pontos necessários à pesquisa com o tema: Conhecendo o universo Lúdico, voluntário e responsável: Grupo SOS Alegria, tal grupo desenvolve diferentes trabalhos sociais e filantrópicos junto à cidade de Gurupi-Tocantins. Por conseguinte analisar nossa realidade do trabalho voluntário local.

No terceiro capítulo será abordado o tema: Descobrimos possíveis benefícios do trabalho voluntário usando da palhaçaria em ambientes onde a arte se faz presente através dos grupos, e também nesse capítulo, aproximar experiências vivenciadas, com material teórico e abordagem feita através de observações, conversas, entrevistas para aproximar o leitor ao universo mágico de amor, solidariedade e arte presentes nesse contexto, situações essas que dialogam de forma simples e estimulam novas iniciativas.

Aponta-se ainda, que por se tratar de um material extraído de experiência própria, de quando a pesquisadora, em crise de saúde na família, vivenciou a Arte fazendo parte de um contexto hospitalar, existe a necessidade de, nos capítulos que narram sobre essa experiência, que os relatos sejam apresentados em primeira pessoa. A escrita em primeira pessoa se faz necessária para que não se perca a essência do conhecimento empírico, e da memória emotiva interna, importante para pesquisadora.

1. RELATO DE EXPERIÊNCIA: MINHA VIVÊNCIA COM CONTAÇÃO DE HISTÓRIA HOSPITALAR, DO OUTRO LADO DA HISTÓRIA.

O estudo aqui apresentado, trata inicialmente de minha vivência com contação de história, porém eu me encontrava do outro lado da história. A relação com o tema se dá pelo fato de ter vivido uma longa história em hospitais. Por muitos anos fui acompanhante da minha filha Natanny³, que se encontrava em um grave estado de saúde. Ela tinha uma doença crônica chamada fibrose cística⁴, doença essa, genética e progressiva. Tivemos esse diagnóstico quando ela ainda tinha dois anos, isso depois de estarmos no Hospital de Base de Brasília- DF⁵ e permanecermos até os 12 anos de idade dela, entre internações e pequenos intervalos de períodos fora do hospital, pois ela necessitava de um tratamento intenso, doloroso, rigoroso, muitos dias de internação seguidos, muitas medicações, fisioterapias diárias, tudo isso abalava o emocional e psicológico dela e o meu também.

Muitos dias de antibioticoterapia⁶, um processo doloroso que exigia tempo, paciência e sobretudo muita esperança, por ser uma doença crônica e de baixa imunidade ela era condicionada a se isolar, um processo angustiante para ela, por causa da fibrose cística, o contato com outras crianças seria um risco tanto para ela como para as outras crianças, e em especial as crianças que sofrem com a mesma doença, esse momento era de extrema tristeza para ela e também para mim, por vê-la em tanto desânimo e sofrimento.

E no âmbito hospitalar, no qual minha filha se mantinha internada, haviam pessoas voluntárias que realizavam esse trabalho da contação de histórias. Ainda em Brasília, os grupos que faziam esse trabalho não aconteciam com os Doutores da Alegria. Recordo muito bem desses momentos que o grupo chegava tocando instrumentos, cantando músicas as quais eles se preocupavam em inserir o nome da minha filha nas letras das músicas, inseriam o meu,

³ Natanny Botelho Ferreira: filha de Idália Botelho Ferreira e Nivaldo Ferreira dos Santos.

⁴ Fibrose Cística é uma doença genética, crônica, que afeta principalmente os pulmões, pâncreas e o sistema digestivo. Atinge cerca de 70 mil pessoas em todo mundo, e é a doença genética grave mais comum da infância. Um gene defeituoso e a proteína produzida por ele fazem com que o corpo produza muco de 30 a 60 vezes mais espesso que o usual. O muco espesso leva ao acúmulo de bactéria e germes nas vias respiratórias, podendo causar inchaço, inflamações e infecções como pneumonia e bronquite, trazendo danos aos pulmões.

⁵ O Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) é um hospital público brasileiro, da região administrativa de Brasília, no Distrito Federal. É o segundo maior hospital em número de leitos da Região Centro-Oeste do país.

⁶ Emprego de antibiótico (s) no tratamento de infecções causadas por bactérias; antibioticoterapia.

usavam da criatividade deles para que nosso sorriso “florescesse”. Não sendo um simples acaso a intenção deles e sim um estímulo ao riso, isso vem desde uma questão histórica e cultural, como afirma Alice de Castro:

A tradição do humor apoiado na palavra e na música vem das festas populares, seguindo a longa linhagem que atravessa os tempos e se espalha por todos os povos e regiões desse planeta. A habilidade para o improviso foi sendo desenvolvida no Brasil ao longo dos séculos e em todas as regiões do país temos uma riquíssima poesia regional, seja nas toadas dos galpões do sul ou nos cordéis e desafios do nordeste. (CASTRO, 2005, p. 104).

Eu percebia que com a chegada dessas pessoas, minha filha ficava eufórica e mostrava interesse em ouvi-los contar histórias, percebia que por alguns minutos ela se esquecia da dor e “viajava no mundo da imaginação”, momento esse que para mim, era único, pois, eu como mãe e acompanhante me envolvia nesse mundo e “viajava nas histórias” junto a ela, ela me relatava que gostava muito desse momento e que fazia ela sorrir e se sentir bem, que trazia muita alegria e gargalhadas, isso me deixava muito feliz.

Segundo Fanny Abramovich:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH 2001, p. 17).

Como o diagnóstico da doença em minha filha se tratava de uma doença já em estado gravíssimo sendo uma doença progressiva, autossômica⁷ e degenerativa, houve a necessidade de fazer transplante, foi quando a equipe de Fibrose Cística de Brasília-DF, nos encaminhou para a equipe de Fibrose Cística de São Paulo, no Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da FMUSP⁸ em conjunto com o Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da FMUSP-SÃO PAULO (sendo o transplante pulmonar bilateral seria realizado no INCOR) com intuito

⁷ Uma doença autossômica recessiva é caracterizada por atingir homens e mulheres na mesma proporção e induzida pelo gene recessivo originado do cruzamento dos pais do indivíduo. A doença só se manifesta se existir 2 genes recessivos.

⁸ O Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - ICr/HCFMUSP é uma das sete unidades hospitalares que integram e, juntas, formam o Hospital das Clínicas da FMUSP.

de buscar melhores condições de tratamento e prolongar a vida dela (sobrevida), que seria a realização do transplante pulmonar bilateral procedimento esse cirúrgico de grande porte e suporte.

Nesse tempo de espera, foram realizadas inúmeras internações pois o quadro de saúde dela se agravou de uma certa forma que já não suportava mais a espera pelo transplante pulmonar, por se tratar dessa doença grave que é a fibrose cística, ela precisava de um suporte muito grande de medicamentos, e aparelhos, oxigênio, terapia, fisioterapias diárias, inúmeras inalações, para que ela conseguisse suportar a espera do transplante pulmonar bilateral, espera árdua, longa e muito sufocante para ela e para mim, então ficávamos internadas sem data marcada para irmos para casa até que chegou a um ponto que ela não mais foi para casa pois não suportava sair do leito hospitalar, e assim ficamos “morando” no Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da FMUSP⁹. O Período no qual tivemos o nosso primeiro contato com o trabalho dos Doutores da Alegria foi no (INSTITUTO DA CRIANÇA- ICR), os mesmos executavam de forma mais específica a contação de histórias e frequência semanal, várias as visitas em turnos matutinos e turnos vespertinos.

Logo adiante, será exposto a imagem 1, nessa imagem era notável como a expressão e comportamento da minha filha mudava, demonstrava muito interesse em ouvir e participar das atividades dos doutores da alegria, assim como demonstrava um “encantamento”, os olhos brilhavam ao vê-los, sentia prazer em conversar com eles, o sorriso não cessava com a presença do grupo. Os Doutores da Alegria em São Paulo, não sendo distintos do grupo que nos acompanhavam no Hospital de Base de Brasília, notávamos que os procedimentos eram os mesmos, como sempre cantavam incluindo nossos nomes em suas músicas, as contações de histórias sempre envolventes e positivas, caracterizados com nariz de palhaços, maquiagem adequada com muita alegria e cores. Utilizavam de mecanismos para acessar a imaginação das crianças. Nesse sentido Gilka relata:

Não existe risco de que a informação destrua a beleza, a fantasia, a imaginação e a poesia: “Ninguém estará desmerecendo o mito, a fábula, a lenda ou a história de aventura ao deixar a criança perceber que o mundo real à nossa volta também está cheio de maravilhas, beleza, e coisas mais estranhas e curiosas do que somos capazes de imaginar. (ZIM, 1966, s.p. apud GIRARDELLO, 2011).

⁹ O Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - ICr/HCFMUSP é uma das sete unidades hospitalares que integram e, juntas, formam o Hospital das Clínicas da FMUSP.

Percebíamos que alguns deles estavam inseridos na área da saúde e eram Doutores da Alegria por amor a ação solidária, mantinham-se o tempo todo cativante aos pacientes e acompanhantes. Realmente eram momentos de muita felicidade e de boas e sinceras risadas, e assim quando eles saíam, era gerado por nós uma expectativa da volta deles a nos visitar novamente, porque eram momentos de muita descontração e entretenimento.

Segundo Maria de Nazaré (2015, p.366), as imagens criadas pela fantasia, que despertam emoções e sentimentos reais, também podem ser consideradas como um terceiro tipo de relação que estabelece uma combinação entre imaginação e elementos da realidade, de modo que corresponda ao estado afetivo do indivíduo e não à lógica exterior. O produto da imaginação pode não coincidir com a realidade, mas ser capaz de despertar emoções e sentimentos reais.

Tornando assim por várias vezes a imaginação da minha filha renovada, possibilitava novas expressões, proporcionando uma evolução do estado emocional dela, eu enquanto mãe e acompanhante, me era oportunizado momentos de tranquilidade e maiores esperanças em perceber o quanto minha filha demonstrava estar bem, por vários momentos essa era minha sensação, sentíamos energia positiva no quarto do hospital. Segue imagem 1:



Foto 1: Visita dos Doutores da Alegria, São Paulo- SP 2013. Acervo da autora.

Durante anos fiquei impossibilitada de ingressar na faculdade, e após o falecimento da minha filha, e para amenizar toda situação de luto e sofrimento, consegui ingressar na faculdade de Licenciatura em Artes Cênicas, a qual resgatou a vontade de expor meu sentimento e minha vivência. O desafio seria como encontrar algo que dialogasse com o teatro, com o passar do tempo, conhecendo e estudando mais sobre o teatro e as variadas linguagens que trabalham a contação de história, fui percebendo as similaridades e a importância dessas histórias contadas em hospitais. Gerando um anseio de investigar de fato se há benefícios clínicos, emocionais, e psicológicos em pacientes e acompanhantes. Surgiu então a oportunidade de direcionar minha pesquisa com o tema voltado para essa realidade.

A essência desse trabalho está na sensibilidade, em conhecer e reconhecer o trabalho feito por voluntários que dedicam parte de suas vidas a esse trabalho em prol de ajudar outras pessoas que se encontram em situações frágeis e necessitando de apoio emocional e psicológico, em especial as crianças enfermas. A arte proporciona conhecimento histórico e de investigação. De forma mais objetiva, fazer uma ligação do meu relato de experiência que se deu inicialmente como plateia de contação de história no âmbito hospitalar sendo acompanhante, interligando com o trabalho de voluntários em nossa cidade, com um olhar de análise agora mais acadêmico. Portanto, se apropriando desse conhecimento poderemos de fato, objetivar os benefícios que a contação de histórias e a palhaçaria proporcionam, tanto para quem faz esse trabalho, quanto para quem o executa, mais especificamente. Investigar como tal prática favorece na melhora do quadro de uma sociedade, a qual tem oportunidade de tais contatos com a arte da palhaçaria.

2. CONHECENDO A HISTÓRIA DA PALHAÇARIA: ENTENDER É PRECISO SOBRE ESSA A ARTE

O teatro sempre esteve presente, mesmo de forma primitiva, na época da pré-história, o homem já se expressava na maneira como caçavam, em seus rituais, seja quando morria alguém, ou mesmo em rituais para deuses, eles já contavam suas histórias por meio de gestos corporais e vocais. A curiosidade certamente impulsionou a explorar cada vez mais os elementos da observação, passando a expressar a reprodução desses animais, como eles andavam, corriam e etc. Portanto, sem perceber que já faziam imitações de tudo que observavam, repassando assim para os outros, suas próprias experiências em caças, isso já era teatro desde a pré-história. Como relata Margoh Berthold,

O teatro é tão velho quanto a humanidade. Existem formas primitivas desde os primórdios do homem. A transformação numa outra pessoa é uma das formas arquetípicas da expressão humana. O raio de ação do teatro, portanto, inclui a pantomima de caça dos povos da idade do gelo e as categorias dramáticas diferenciadas dos tempos modernos. O encanto mágico do teatro, num sentido mais amplo, está na capacidade inexaurível de apresentar-se aos olhos do público sem revelar seu segredo pessoal. (BERTHOLD 2001, p. 01).

Sérgio de Carvalho (2001) em seu texto: Um certo conceito do teatro nos diz que: “Não era tarefa que solicitasse divergências retóricas, como bem sabiam aqueles que se utilizaram do circo como aliado forte, não apenas para motivar e distrair os exércitos no meio dos povos conquistados, mas também para transmitir a impressão de insuperáveis avanços modernizantes aos dominados”. Pontuando assim, que aplicavam a arte da eloquência no circo, a fim de convencer a modernizar, atualizar as condições sociais e também do lugar por onde passavam.

Originalmente, em sua criação o palhaço era voltado apenas para os adultos, encontramos tais informações em buscas simples também na internet. Assim como temos conhecimentos de muitas manifestações dessa arte, muito tempo atrás, como eram conhecidos os palhaços da corte, que eram simplesmente empregados dos Reinos. Executavam seus trabalhos de formas lúdicas, com intenção de distrair os reis e rainhas utilizando de técnicas para estimular as risadas dos mesmos que assistiam. Diz Mario Fernando Bolognesi,

Na pantomima inglesa o termo clown designa o cômico principal e tinha as funções de um serviçal. No universo circense o clown é o artista cômico que participa de cenas curtas e explora uma característica de excêntrica tolice em suas ações. Até meados do século XIX, no circo, o clown tinha uma participação exclusivamente parodística das atrações circenses e o termo, então, designava todos os artistas que se dedicavam ‘a

satirização' do próprio circo. Posteriormente, esse termo passou a designar um tipo específico de personagem cômica, também chamado de Clown Branco, por conta de seu rosto 'enfarinhado', que tem no outro palhaço, o Augusto, o seu contrário. O plural clowns é usado para designar a dupla cômica. No Brasil, no meio circense, é comum ouvir-se o termo clown em referência àquele palhaço que tem a função de partner, ou de palhaço secundário. É ele quem opera como contraponto preparatório às piadas e gags do palhaço principal. Ele também é chamado de escada (BOLOGNESI, 2003, p. 62)

Depois, com algumas mudanças, algumas boas e outras com declínio dessa arte, perceberam-se a necessidade de dar foco para outro público, se direcionou para o público infantil, essa necessidade de mudança ocorreu não apenas fora do Brasil. Aqui em nosso País foi perceptível tais adequações, principalmente por causa da decadência e ruína que se instalou nos circos, havendo um impacto também significativo em atividades, movimentos artísticos em que os palhaços se propuseram e que não poderiam fazer uso da música, seja em instrumentos e inclusive em cantar durante as apresentações aqui do Brasil. Percebemos isso na escrita de Marcelo Batista Gomes,

A trajetória desse tipo na cena brasileira foi traçada de acordo com as possibilidades e seguiu um fluxo descontínuo entre os altos e baixos do circo no país. A sua adequação ao teatro tem muito a ver com o declínio do circo e das manifestações artístico-culturais de rua. Se no século XIV na Europa o palhaço estava proibido de falar e tocar um instrumento musical da mesma forma que um profissional da música fazia, quase quatro séculos depois no Brasil, foi por meio das chulas e das pantomimas que ele conseguiu abrir caminho e se firmar como personagem reflexo do dito popular, que satirizava os acontecimentos sociais da época. A sua entrada na cena teatral brasileira é recente, mas não deixa de ser também um reflexo de suas origens. (GOMES, 2011, p. 25).

Mais adiante percebemos algumas mudanças, isso também ocorre no Brasil, inicialmente quais os termos mais certos em usar a linha de raciocínio que veio surgindo junto a evolução do teatro, interfere diretamente em conceitos de entendimentos sobre a arte do palhaço, alguns por compreenderem que uma arte iniciou-se por pessoas simples sendo pertencente ao povo, já outros escritores entendem e desenvolvem o pensamento ao termo clown¹⁰ de forma mais acadêmica e profissional. Como diz Marcelo Batista Gomes:

Atualmente, as complicações em se tratar de palhaço no Brasil começam já na escolha do termo pelo qual se opta ao referi-lo. Muitos pensadores e artistas envolvidos com o tema convergem entre a nomenclatura clown e palhaço. Em um rápido resumo desse entrave, alguns acreditam que o termo palhaço está diretamente ligado ao circo, ao

palhaço de picadeiro, e aquele cuja origem é de alguma manifestação popular. Embora tenha surgido antes da sua adoção pelo teatro no Brasil, o termo clown seria o nome que se dá ao palhaço de Teatro, cuja formação Palhaço de circo, dotado de muita agilidade e comicidade. técnica advém das influências europeias. E com um olhar mais apurado, percebe-se que a questão não poderia ser tão simples. (GOMES, 2011, p. 21).

Algumas características ficam evidentes ao vermos um palhaço com o figurino (roupas, sapatos, perucas), maquiagem (utilizando muitas cores) e também acessórios (nariz de palhaço, cornetas e etc.). A maquiagem vem evidenciar e deixa marcante, que por muito tempo veio evoluindo aos poucos, bem como o nariz de forma bem arredondada e cor vibrante é uma conquista dessa arte. Não é só apenas se vestir, colocar um nariz vermelho, e colocar acessórios e sair simplesmente sorrindo, é um trabalho que exige muito da expressão corporal, como técnicas específicas, com os estados de presença, com o “estar pronto para o que vier”. Faz-se necessário estar sempre pronto, e presente por ser uma arte que o improvisar com situações inesperadas e recorrentes por muitos momentos. Explica muito bem Renato Ferracini,

Existem dois tipos clássicos de clowns: O Branco e o Augusto. O clown branco é a encarnação do patrão, o intelectual, a pessoa cerebral. Tradicionalmente, tem rosto branco, vestimentas de lantejoulas (herdada do Arlequin da commediadell’arte), chapéu cônico e está sempre pronto a ludibriar o seu parceiro em cena. Mas modernamente, ele se apresenta de smoking e gravatinha borboleta e é chamado de cabaretier. No Brasil é conhecido por escada. O agosto (no Brasil, Tony ou Tony - excêntrico) é o bobo, o eterno perdedor o ingênuo de boa-fé, o emocional. Ele está sempre sujeito ao domínio do branco, mas, geralmente, supera-o, fazendo triunfar a pureza sobre a malícia, o bem sobre o mal. (FERRACINI, 2001 p.4).

Seguindo uma dinâmica de maior entendimento sobre a origem do nome, fazendo ligações com materiais utilizados na época, temos conhecimentos de alguns escritores que discorreram em suas pesquisas que logo se tornaram publicações que nos embasam com valiosas informações que hoje temos como referência, proporcionando um entendimento acerca do assunto. Assim Roberto Ruiz diz,

A palavra clown vem de clod, que se liga, etimologicamente, ao termo inglês ‘camponês’ e ao seu meio rústico, a terra. Por outro lado, palhaço vem do italiano paglia (palha), material usado no revestimento de colchões. Porque a primitiva roupa desse cômico era feita do mesmo pano dos colchões: um tecido grosso e listrado, e afofada nas partes mais salientes do corpo, fazendo de quem a vestia um verdadeiro ‘colchão’ ambulante, protegendo-o das constantes quedas. (RUIZ, 1987 p.1).

Esse revestimento de palha os protegia das constantes quedas e estripulias. Essa arte é bem antiga, temos relatos históricos de referências encontradas da arte de palhaços e suas

palhaçarias em Roma, Grécia, China e até em civilizações americanas. Ainda falando do contexto do palhaço, com base no entendimento e pesquisa que a palhaçaria era vinculada à arte de circo, porém ainda tinham em algumas culturas o hábito de vincular o palhaço com o medo, exemplo disso existe invenção norte-americana para atrair as famílias ao circo, criaram o Bozo e Ronald McDonalds. Consegue-se encontrar essas informações com facilidade no Wikipédia¹¹. Com a evolução da arte e de tudo que a cerca, hoje o campo de atuação do palhaço e sua palhaçaria, vai além dos circos, teatros, televisões, são encontrados animando festas e eventos, fazendo propagandas de lojas, podendo ser encontradas em ambientes diversos como também, e muito bem representadas, em trabalhos voluntários diversos. Como relata Renato Ferracini:

O palhaço é lírico, inocente, ingênuo, angelical e frágil. O palhaço não interpreta, ele simplesmente é. Ele não é um personagem, ele é o próprio ator expondo-se, mostrando sua ingenuidade. Na busca desse estado, o ator não busca construir um personagem, mas sim encontrar essas energias próprias, tentando transformá-las em seu corpo. Portanto, cada ator desenvolve esse estado pessoal, de palhaço, com características particulares e individuais. (FERRACINI, 2001 p.3000).

Percebendo ainda que o trabalho do palhaço se aproprie de algumas técnicas do teatro bem relevantes para o sucesso de sua arte. Pontua-se aqui a improvisação¹², muitas vezes a espontaneidade é atuada em situações diversas, havendo uma necessidade de observação da plateia, utilizando da improvisação para melhor cativar e prender a atenção dos espectadores, a improvisação faz parte da criação, assim como a criação se dá através também da improvisação, e no contexto histórico temos explicações de como houve o processo de evolução. Conta Marcelo Batista Gomes:

A adaptação do Clown foi um processo gradual, baseado também no instinto e na percepção da plateia. Falo instinto porque o artista nem sempre tem a clareza do seu processo de criação, ou seja, não é difícil acreditar que rapidamente o artista estrangeiro tenha percebido qual era o interesse e as identificações do público. Ao mesmo tempo, não podemos afirmar que esse modelo, dito “original”,¹¹ tenha sido experimentado por aqui. Embora saibamos, através dos escassos registros, que houve palhaços com maquiagem e roupas semelhantes ao do clown Branco europeu nos circos do século XIX no Brasil, isso não comprova que as características desses palhaços sejam as mesmas do original. Mesmo um clown com características

¹¹A Wikipédia é um projeto de enciclopédia multilíngue de licença livre, baseado na web e escrito de maneira colaborativa

¹² Representação de caráter experimental e didático, na qual todos os elementos cênicos (inclusive a fala e os movimentos dos atores) são realizados sem prévio ensaio.

semelhantes, que é o mais provável, passaria por esse processo de mudança. (GOMES, 2011, p. 26).

Pontua-se também esse trabalho de elaboração de uma cena, de um espetáculo que requer uma dedicação e atenção tanto quanto as outras linguagens artísticas de apresentação, elaboração de roteiro, situações previamente pensadas que no decorrer do processo, assim como ocorre a necessidade de usarmos da técnica de improvisação, podem e devem haver mudanças, que com o tempo, e quanto mais se trabalha na ideia ela vai melhorando, vai aprimorando no decorrer do processo de criação, vão se ganhando cada vez mais potência de dramaturgia¹³. Como equipara muito bem com a fala de Mário Fernando quando diz dos espetáculos mais antigos:

Quando eu tenho uma ideia eu fico durante duas semanas escrevendo, desenhando, arrumando fotos, arrumando metáforas. (...) Quando a gente tem um roteiro mais ou menos delineado – eu tenho que ter um começo, um drama, uma catástrofe e o fim – aí a gente vai ensaiar um mês. E esse é o pior momento da minha vida na maior parte das vezes, pois eu começo a achar que eu não tenho talento, que não tenho ideias. Porque pra criar alguma coisa você está realmente num vazio total, num caos total, você está no blecaute, no escuro. (...) Então a gente ensaia e a gente volta pra mesa e escreve, reescreve algum roteiro, volta pro trabalho, joga fora algumas coisas. (...) faz improvisações. (...) Daí por uns dois, três meses, o cenógrafo faz a cenografia, o figurinista, a roupa; a música (...) Por exemplo, no último espetáculo eu queria uma cama que sempre pulava, então na segunda parte do meu processo eu já tinha essa cama. Então eu já podia trabalhar com as gags. (...). Normalmente, em espetáculos de palhaços, os mais antigos, os espetáculos que duram, os mais velhos são melhores do que o que você acabou de fazer. No começo tá muito cru ainda. (HUTTER, 2007, p.121-122).

2.1 Conhecendo o universo Lúdico, solidário e responsável: Doutores da Alegria.

Como foi dito, conheci o trabalho de arte em um processo delicado da minha vida. Embora tenha que reconhecer que através da dor pude ter o despertar de um olhar diferente, foi quando conheci o trabalho dos Doutores da Alegria. Como já dizia Constantin Stanislavski (2001) “A arte confere beleza e dignidade e tudo que é belo e nobre tem o dom de atrair” e assim me senti atraída em pesquisar e conhecer mais sobre o trabalho desses palhaços artistas.

¹³ É o ofício de elaborar um texto com o objetivo de transportá-lo para os palcos, apresentando diante de um público as ideias contidas nesta obra.

Para entender melhor esse mundo mágico, se fez necessário pesquisar sobre o trabalho deles, sendo também importante conhecer a história e o surgimento inicial do projeto, na imagem 2 temos então o ator Wellington Nogueira¹⁴, palhaço com uma visão de empreendedorismo que fundou os Doutores da Alegria em 1991, tendo cunho de trabalho sem fins lucrativos, trabalhos esses direcionados a assistência social, que promove a cultura e o bem-estar aprofundado no campo da saúde.



Foto 2: Fonte, Site de Wellington Nogueira¹⁵

No site do Grupo Doutores da Alegria encontramos dados importantes, necessário colocar aqui neste trabalho, durante a pesquisa deparei com as seguintes informações: que em 2016, resolveram inovar alguns rumos, seguindo orientações diferenciadas, principalmente no contexto que envolve levar a cultura para todas as pessoas, seguindo um guia de oportunizar a arte para todos conhecer e vivenciar. Com esses pensamentos o grupo percebeu a importância

¹⁴ Fundador da ONG Doutores da Alegria, Empreendedor Social, Ator especializado em teatro musical, formado pela American Musical and Dramatic Academy; Palhaço, formado por John Towsen e Michael Christensen.

¹⁵Disponível em: <http://wellingtonnogueira.com.br/2018/09/21/conheca-a-nossa-plataforma-de-mandato>. Acesso em maio 2020.

e necessidade de aprofundar mais na linguagem do palhaço e da palhaçaria, decidiram então contratar profissionais das Artes Cênicas, isso no início do ano de 1991. Em Pesquisa PALHAÇOS EM HOSPITAIS - Brasil/Mundo -:

Um dos padrões que utilizamos desde a realização da pesquisa na sua fase Brasil, era a distinção entre grupos de profissionais e de amadores, para tanto, definimos duas variáveis importantes nesta distinção, que indicassem o tipo de especialização dos palhaços e a remuneração pelo trabalho realizado. Bons indicativos são os pré-requisitos para contratação dos palhaços de cada organização. Encontramos entre todos os grupos apenas 6 organizações que não exigem nenhuma formação artística para uso da máscara e linguagem do palhaço. Acreditamos que o significado e o sentido da máscara para organizações que não exigem nenhum requisito seja totalmente diferente daqueles que exigem dos palhaços cursos acadêmicos, por exemplo

(<http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/17/palhacosemhospitaismundo.pdf>).

Nesse período de mudanças e inovação do grupo, ainda aconteciam muitas divergências de entendimento quanto ao trabalho deles, como por exemplo, até os dias atuais eles não cobram cachê dos hospitais para se apresentarem, assim como também não se cobra dos acompanhantes, internados, entre outros que assistem as apresentações, porém eles deixam bem evidenciados que o trabalho deles não é um trabalho voluntário, e sim é um trabalho profissional, que tem como alvo a valorização da arte, promovendo assim alegrias em hospitais, e quem sabe gerar novos adeptos, tornando uma arte mais forte de maior reconhecimento: Pesquisa PALHAÇOS EM HOSPITAIS - Brasil/Mundo -:

Grande parte das organizações se valem de recursos para captação que ainda não são muito utilizados aqui no Brasil, como a realização de cursos e consultorias. As organizações no Brasil privilegiam a realização de espetáculos, eventos e vendas de produtos. Embora a caracterização dos palhaços, as imagens, origens e inspirações pareçam semelhantes, notamos que lidamos com organizações bastante diferentes, tanto no modo de trabalhar, nos métodos e exigências, quanto em sua organização. Mas a figura principal é a mesma, o palhaço; é dele que parte toda a atividade. ((<http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/17/palhacosemhospitaismundo.pdf>)).

Atualmente o Programa de Palhaços em Hospitais, ganhou muita força e garantido pelo grupo que já realizou mais de um milhão e setecentos mil apresentações junto a crianças hospitalizadas, seus acompanhantes e profissionais de saúde. Na imagem 3, é uma apresentação dos Doutores da Alegria realizando cortejos Juninos em 8 hospitais públicos em São Paulo, que contemplaram a realização da festividade com 9 apresentações no total que aconteceu entre os dias 29 de Maio a 27 de Junho 2019.



Foto 3: Apresentação dos Doutores da Alegria Cortejo Junino Fonte, Site Acontece Agora.¹⁶

Para entender melhor como são feitas as apresentações e organização para acontecer as mesmas, antes é feita a programação das visitas aos hospitais, um agendamento prévio com o responsável de organizar as visitas voluntárias assim como trabalhos, que geralmente são visitas semanais aos leitos infantis. Temos como exemplo 8 hospitais de São Paulo e 4 em Recife, nesses encontros a intenção da dupla de palhaços e de levar o lúdico, alegria, oportunizando uma experiência diferenciada, mesmo estando em um hospital, na ocasião o trabalho vem como uma agitação benéfica a todo o ambiente hospitalar. Todos os dados coletados referem-se a pesquisas por meio de site dos Doutores da Alegria, onde consta mais detalhado todo o trabalho do grupo. Na imagem 4 é uma dessas apresentações aqui citada.

¹⁶ Disponível em: <<https://aconteceagora.com.br/doutores-da-alegria-realiza-cortejos-juninos-em-oito-hospitais-publicos-de-sp/>> Acesso em: Maio 2020.



Foto 4: Apresentação dos Doutores da Alegria Fonte, *Site Band News*¹⁷

Seguindo ainda em outros lugares, como no Rio de Janeiro, na imagem 4 eles atendem outro projeto Plateias Hospitalares, desenvolvendo de forma lúdica a “curadoria”, na mesma tem em seu planejamento semanal trabalhar as mais variadas linguagens artísticas, teatro, música, dança, circo e poesia, lembrando que todo o trabalho é gratuito e sem custos aos hospitais e ao público que assiste, em todos os 7 hospitais públicos, acrescentando assim, melhor condição de vida entre os que ali se encontram, promovendo assim, um reencontro também de todos com a arte.

A Escola Doutores da Alegria traz dois sistemas de formação – um para o público em geral e um para artistas – com cursos, palestras e programas estruturados a partir da filosofia, dos valores e de uma prática de mais de dez anos de atuação junto a públicos diversos. Entre suas iniciativas se destaca o Programa de Formação de Palhaço para Jovens, que oferece a jovens em situação de vulnerabilidade social uma iniciação na carreira artística. Pesquisa PALHAÇOS EM HOSPITAIS - Brasil/Mundo -:

A grande distinção entre as organizações brasileiras e estrangeiras é o número de palhaços profissionais e a predominância do palhaço com formação (curso de teatro, curso específico de clown/palhaço e curso acadêmico) como pré-requisito para a contratação de integrantes das equipes. As organizações estrangeiras em 56% privilegiam esse pré-requisito e 75% assalariam sua equipe, enquanto no Brasil localizamos 19 equipes (de 57 organizações), que em 2003 caracterizamos como “palhaços-atores”. Usamos primeiro a definição de palhaços-atores de acordo com a

¹⁷ Disponível em: <https://bandnewsfmrio.com.br/editorias-detahes/doutores-da-alegria-comemoram-29-anos-com-pro> . Acesso em maio de 2020.

formação e agora usamos a caracterização palhaços profissionais, não querendo designar que são palhaços profissionalizados especificamente para o hospital, palhaço é palhaço, poderia estar em qualquer lugar, esta distinção só vale para designar que este ator possui uma formação e é remunerado pelo seu trabalho, como acontece, por exemplo, com os atores dos Doutores da Alegria no Brasil. (<http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/17/palhacosemhospitaismundo.pdf>).

Atualmente o trabalho dos doutores da alegria se tornou mais profissional, para quem tem interesse em fazer parte do projeto, existem alguns processos para ingressar, a primeira etapa se dá através de uma inscrição simples inicial, passando por um processo de seleção, isso quando tem vagas disponíveis, dentro da proposta, a pessoa-artista participa de oficinas teatrais voltadas para temas hospitalares, onde é feita toda uma preparação cênica em vários assuntos no universo da palhaçaria. Os ensaios são fundamentais, assim como perceber o espaço ao qual se está, sempre na busca do riso. Como diz Ricardo Puccetti:

Só que eu tenho que saber o que fazer, tenho que ter a minha maneira de trazer vocês para o meu mundo. Eu gosto de trabalhar com o risco. Eu trabalho os meus números todos já ensaiados e tal, só que essa estrutura do espetáculo mais longo ou do número mais curto, não é tão importante eu ficar apegado nela o tempo todo. Se acontece algo aqui, se tem alguma coisa no espaço que pra mim é mais interessante, eu largo a estrutura e vou fazer isso, desde que eu sinta (então é tentativa e erro) que o público está indo comigo. O que me deu isso foi o trabalho na rua, por exemplo, que dá essa capacidade, esse jogo de cintura de poder se adaptar às diversas situações [...] Outra coisa que eu acho é: o palhaço não trabalha para a massa. Ele trata o público como indivíduo. No momento que você entra, você já fisga um. E desse fisgar um você vai fisgando os outros. O riso é físico. As pessoas riem, se mexem, se batem e tal. Então um ri ali, o outro já começa a rir lá, e assim a coisa se espalha. Para mim é muito importante isso: entrar e olho no olho. Eu faço pra ele a coisa. Daí o outro riu lá é pra ele. (PUC CETTI, 1998, p. 156).

Um dos critérios é estar inserido no mundo teatral e principalmente da palhaçaria, atuando já como palhaço ou no mínimo na linguagem teatral, preocupando sempre com o público, entendo que o trabalho hospitalar é bem diferente dos outros ambientes. Primeiro, o público que está ali para assistir à apresentação não veio para apreciar o trabalho do palhaço, e sim os motivos que os levaram ao hospital muitas vezes é doloroso e longo. Segundo, o palhaço deve saber dosar muito bem sobre sua apresentação, saber o limite de suas ações e palavras, como em reflexão de Constantin Stanislavski (2001), “Não basta que o próprio ator sinta prazer com o som de sua fala, ele deve também tornar possível ao público presente no teatro ouvir e compreender o que quer que mereça a sua atenção”.

Terceiro, que sua interação não é para que ele (palhaço) seja o centro das atenções e sim um facilitador de apreciadores de arte, estimulando maiores interesses em experienciar e

multiplicar a arte, promovendo e vivenciando seus benefícios de forma mais simples e satisfatória, Demian M. Reis propõe,

Se o sufixo “ria” tem relação com lugar, atelier e oficina — como a alfaiataria do alfaiate, a peixaria do vendedor de peixe e a padaria do padeiro —, então por que não palhaço e palhaçaria? O lugar onde consumimos o produto do palhaçaria é o corpo do palhaço, ele carrega e vende a sua palhaçaria para onde vai, seja nas ruas, nos circos, teatros ou hospitais. Palhaços investem sua vida de trabalho acessando um corpo risível, um corpo que constantemente se coloca como objeto do riso dos outros (REIS, 2013, p. 22-23).

Oportunizando assim que a arte da palhaçaria cresça e com ela também a conscientização que a arte deve ser compartilhada e apreciada onde quer que você, eu ou o outro esteja, a arte oportuniza leveza até em momentos que se tornam difíceis e complexos, acreditando nessa essência os Doutores da Alegria vem desenvolvendo seu trabalho com muita seriedade, compromisso, contribuindo para arte, artísticas e com a sociedade.

2.2 Conhecendo o universo Lúdico, voluntário e responsável: Grupo SOS Alegria-Gurupi-TO

O SOS Alegria foi fundado em 2014, pela fundadora e idealizadora do projeto, Maria Eugenia, quando no início eles começaram a idealizadora sentia muita necessidade de fazer algo social por pessoas de certa forma não assistida pela sociedade como deveria, motivação em fazer as pessoas sorrirem. Inicialmente a primeira coisa que foi decidida e executada na época, foi encontrar pessoas com o mesmo anseio e vontade. Com esse mesmo foco aconteceu a entrada no grupo de parentes da Maria Eugenia e dois amigos na época.

A motivação principal do pequeno grupo era mesmo o amor, os mesmos não tinham conhecimento sobre a arte, ou a palhaçaria. Tratavam-se de um grupo muito jovem, a Maria Eugênia na ocasião do início do projeto, tinha apenas 15 anos. É relatado por ela que na primeira visita eles foram fantasiados com roupas coloridas, com jalecos porque a intenção e visão deles era de parecer com doutores da alegria, palhaços que levavam alegria. Porém eles usavam maquiagem péssima, horrível. Na imagem 5 da primeira apresentação fornecida pela Maria Eugenia retrata bem o início, como era a caracterização dos mesmos.



Foto 5: Caracterização dos voluntários do SOS Alegria na primeira apresentação Acervo pessoal da Maria Eugenia

Ainda na ocasião, teve crianças que se assustaram. Lembrando que até esse momento os mesmos não tinham nenhum tipo de conhecimento, técnicas e preparação, motivados em unirem em uma ação voltada em ser solidário ao outro, ainda não tinham um nome estruturado como SOS Alegria, iniciaram sem experiência, baseados no que sentiam, no agir e apesar de assustar algumas crianças, eles fizeram muitas pessoas felizes, muitas pessoas sorrirem, momentos de trocas importantes. Gerando um grande impulso para continuarem a fazer o trabalho, seguindo adiante, especializando e aprofundando no universo da arte teatral e da palhaçaria.

Segundo pesquisas, o nome do grupo foi criado por Maria Eugênia que decidiu por; SOS Alegria, motivados a levar a alegria a muitas pessoas, depois disso ela saiu em busca de especializações, oficinas de palhaço terapia, tanto que atualmente eles ofertam oficinas de palhaço terapia, aos poucos foi evoluindo foi crescendo, foram aprofundando em maquiagem bem leve, que não assusta mais as crianças, atualmente o grupo tem 23 pessoas, os participantes consideram ser uma família com propósito de ajudar com amor os outros, sendo fala da Maria Eugenia; “Aqui todo mundo ajuda todo mundo. É uma família, né?! Mesmo eu tendo meu pai, meu tio, meus primos, que é minha filha mesmo, né, todo mundo aqui é família também. Não é porque não é de sangue que não é família”.

Na imagem 6, constam algumas pessoas do projeto onde o papel deles é arrecadar doações, cestas básicas no natal, ovos de páscoa na páscoa, brinquedos no dia das crianças dentre outras datas comemorativas, de 15 em 15 dias, vão aos hospitais vestidos de palhaços, ou em setores carentes, já têm muitas pessoas conhecidas que precisam do grupo SOS alegria, eles já têm pessoas mas sim começar e depois ir aprendendo e descobrindo o poder de fazer o bem ao outro. Há os que ajudam mensalmente, é um projeto que cresceu porém ainda está em processo de crescimento e que tem como a base o amor voluntário, e um resultado que não precisa saber para começar,



Imagem 6: Voluntários atuais do SOS Alegria-Gurupi. Acervo pessoal da Maria Eugenia.

3. DESCOBRINDO POSSÍVEIS BENEFÍCIOS DO TRABALHO VOLUNTÁRIO USANDO DA PALHAÇARIA EM AMBIENTES ONDE A ARTE SE FAZ PRESENTE ATRAVÉS DE GRUPOS.

No último capítulo, pontuarei alguns dos possíveis benefícios do trabalho voluntário, partindo da arte/palhaçaria no contexto em ser voluntário em lugares diversos, com públicos variados. Consequentemente experiências de histórias contadas ouvidas e vividas que contribuem para a formação de um ser mais social e sensível. Segundo Abramovich.

[...] Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. Daí que QUANDO SE VAI LER UMA HISTÓRIA - seja qual for - para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... [...] (ABRAMOVICH, 2001. p. 18)

Durante o período acadêmico de Artes Cênicas, foram apresentados vários aprendizados como livros, oficinas, experiências e relatos de vários autores do universo teatral, a importância de aprender lidar com pessoas diferentes e ambientes diversificados, observando esses fatores como, por exemplo, em espetáculos, onde nunca se sabe tudo sobre o público presente, podendo ocorrer muitas mudanças do mesmo espetáculo por ser em lugares diferentes, como espetáculos itinerantes, porém isso se torna mais evidente e forte em contato com trabalho voluntário. De fato o trabalho voluntário requer, tanto quanto na arte, uma doação de tempo e vontade, em estar e fazer o que necessário para você e para o próximo que se sinta melhor com seu trabalho ali prestado. Na imagem 7, podemos perceber a alegria e bem-estar das crianças com o trabalho voluntário do Grupo SOS Alegria em Gurupi, em uma apresentação em uma escola da rede municipal.



Foto 7: Apresentação do SOS Alegria escola municipal. Acervo pessoal da Maria Eugenia

Toda essa experiência ajuda a assimilar o aprendizado da academia com o profissional e social de tal forma que ajuda a estabelecer estratégias de como suportar e superar, da melhor forma possível, as diversidades que acontecem e aconteceram no dia a dia pessoal, profissional e no envolvimento voluntário.

Outro fato importante e necessário em dizer é que, o trabalho prestado voluntário, amplia muito a visão de mundo e expectativa do mesmo, percebe que a partir do momento em que se doa, seja atenção, carinho, alimentos, medicamentos, roupas entre outros, estamos nos deparando com realidades diferentes da nossa, de certa forma, nos envolvemos com um mundo que até então “não era o nosso”. Com essa atitude podendo gerar reflexão de que nossas cobranças do dia a dia, ansiedade, busca da perfeição em vários aspectos, se tornam pequenas ao ver a realidade de outras pessoas. Que buscam, anseiam por coisas bem menores a nossa percepção do cotidiano. Portanto, a visão de mundo é ampliada com suas especificidades. Refletindo no profissional também, consegue entender melhor as dificuldades que passam, paramos de focar apenas em nós, podendo ser mais facilitador de conhecimentos onde se está inserido, podemos compartilhar “dores e prazeres”.

Por outro lado, é necessário se fazer entender que por ser trabalho voluntário não quer dizer que o comprometimento é menor, do que um trabalho formal, pelo contrário, trabalho esse que deve ser feito com dedicação, carinho e amor, para que se tenha sucesso em alcançar os objetivos traçados. Se propor ao trabalho voluntário requer priorizar e valorizar o tempo dedicado a ações pensadas e executadas, tornando assim, um benefício e exercício para vida, traçar metas, organizar tempo, o trabalho voluntário ensina isso no dia a dia. Bem como qualidades que são desenvolvidas são também necessárias em trabalho formal, como a confiança e reconhecimento das pessoas à sua volta em perceber sua responsabilidade e seriedade em ser um voluntário. Proporcionando melhor aprovação de trabalhos futuros a serem conquistados, abrindo novas portas e oportunidades.

Possíveis oportunidades surgem em aprender conviver melhor com pessoas, ser um voluntário não quer dizer que seja um desocupado, pelo contrário, isso oportuniza trocas de experiências com outras pessoas, tornando maiores as possibilidades de ser reconhecida como artista e atuante onde estiverem.

Ao estar a serviço de outras pessoas, conseguimos entender um pouco mais de nós mesmos, daquilo que nos move, que nos faz doar nosso talento e tempo. Ou seja, proporciona

melhor entendimento sobre propósito e, conseqüentemente, a busca por uma carreira que esteja alinhada com ele.

Reservado para o último momento segue um formulário respondido pela idealizadora Maria Eugênia, em suas palavras reforça ainda mais, sobre a pesquisa aqui exposta, vêm dizendo desde o início, a história do SOS Alegria e a importância do trabalho voluntário.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão desse trabalho teve grande importância para meu crescimento profissional enquanto futura Licenciada em Artes Cênicas, e também em caráter pessoal, pois contemplou um sonho de expor a arte vivenciada do lado da história em uma parte da minha vida, que por mais dolorosa se deu essa fase, se fez necessário expor aqui nesse trabalho. Proporcionando resgate da minha vida pessoal, quanto às descobertas de novos conhecimentos, trocas de informações valiosas com pessoas envolvidas no trabalho desenvolvido, principalmente o conhecer o trabalho voluntário aqui na Cidade de Gurupi, citado no decorrer desta escrita, tornando muito prazeroso todo o processo.

Instigando ainda mais a anseio de continuar a pesquisa acerca desse tema, visando outros grupos e métodos e técnicas usadas pelos profissionais que se dedicam a esse trabalho, como também estimular mais o conhecimento dos trabalhos voluntários, usufruindo da nossa arte para alcançar voos mais longos e mais altos, em busca de ajudar e promover o amor entre todos.

Esse estudo desenvolvido e vivido por mim, contemplou também questões que eu me via desafiada em constatar, os benefícios das contações de histórias e do trabalho voluntário aqui da nossa cidade de Gurupi. Que a arte tem muita contribuição social aonde quer que esteja, que o importante é se fazer presente e útil para aqueles que precisam de uma doação de amor, sorriso, atenção assim como materiais físicos. Ter sensibilidade ao outro, mesmo que os mundos sejam distantes do voluntário e do acolhido, a arte aproxima e transforma. “Eu me solidarizo com seu problema, portanto, deixa de ser apenas seu, passando a ser meu também, eu me alegro com sua felicidade, portanto passo a ter felicidade por ver você feliz”, deixo essas palavras em busca de conscientização da sociedade, da mesma forma que incentivo outras pessoas, para que venham fazer mais trabalhos solidários.

Nesse contexto, o trabalho pretende estimular as pessoas da comunidade em geral a serem profissionais do teatro, como acadêmicos dessa ou outras acadêmicas, adultos, adolescentes, a compartilhar seus conhecimentos e tempo em doação, descobrir outros horizontes de ser e fazer outros felizes, possibilitar maiores oportunidades de se doar, possibilitando novas experiências, contemplando a vida em tudo com muito amor. Se importando não com o quantitativo, mas sim com o qualitativo.

ANEXO I

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, **Maria Eugênia Lemos Abrão Torezani**, nascida em Uberlândia, casada, portador(a) do RG n.º 4.083.220, inscrito(a) no CPF sob o n.º 047.315.471-48 residente na Rua Sqsw 101 Bloco D Sudoeste n.º 108, Brasília – (DF), AUTORIZO o uso de minha imagem, assim como informações ditas por mim, no questionário acima, constante no trabalho de TCC de filmagem de **IDÁLIA BOTELHO FERREIRA SANTOS**, com o fim específico de acrescentar informações no trabalho de conclusão do curso da mesma, sem qualquer ônus e em caráter definitivo. A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem em fotografias e exposição e publicação do questionário acima mencionada é concedida à **IDÁLIA BOTELHO FERREIRA SANTOS** a título gratuito, abrangendo inclusive a licença a terceiros, de forma direta ou indireta, e a inserção em materiais para tal finalidade, seja uso de publicidade, editorial, didático/acadêmico e outros que existam ou venham a existir no futuro, para veiculação/distribuição em território nacional e internacional, por prazo indeterminado. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Local e data: Brasília, DF. 14/06/2020

Assinatura: Maria Eugênia Lemos Abrão Torezani

Telefone para contato: (61) 99278-5473

ANEXO II

Formulário: Análise do trabalho voluntário do Grupo SOS Alegria – Gurupi, Tocantins.

1. Como surgiu a ideia do projeto?

Eu, Maria Eugênia sempre senti em ajudar o outro, sempre acolhi pessoas carentes (emocionalmente), desde bem pequenininha. Então, com 15 anos, tive a ideia ou inspiração de convidar minhas duas primas (Maria Vitória e Isadora), e dois amigos (João Lucas e Lucas) para irmos de palhaço nos hospitais, casas de idosos, lares de adoção e bairros carentes. Eles toparam com todo amor e coragem. Em janeiro de 2014 foi a nossa primeira ação, em um lar de idosos, sem experiência, mas com um lindo propósito: levar amor. Daí em diante, o projeto criou nome, buscamos cursos, aprendemos juntos, e se tornou SOS Alegria.

2. Quem iniciou o projeto juntamente com a idealizadora? Nomes e idades de todos.

Maria Eugênia Lemos Abrão Torezani, 21 anos.

Isadora Maria Teodoro Abrão, 22 anos.

Maria Vitória Teodoro Abrão, 24 anos.

João Lucas da Silva, 21 anos.

Lucas Soares, 20 anos.

3. Quais as dificuldades encontradas no início?

No início, as dificuldades eram os recursos. A minha avó, Vêssia Maria Lemos, era quem nos doava todos os nossos materiais durante os dois primeiros anos, era quem nos levava todos os domingos nas ações, ela era conhecida como a avó do SOS Alegria! Incentivou-nos, acolheu nossa ideia, cedeu a casa para ser o ponto de encontro, e nos levava aos lugares das ações. Acho que sem ela, não seríamos quem somos hoje! Nunca focamos nas dificuldades, sempre fluiu muito bem.

4. Como é feito o trabalho de capacitação do projeto e suas ações na cidade? O trabalho de capacitação é dado por mim (Maria Eugênia) e por alguns integrantes que estão a mais tempo e que já se capacitaram em Palhaço terapia. A capacitação dura 6 horas, tendo certificado e muitos aprendizados.

5. Atualmente o projeto conta com quantos participantes? Nomes e idades de todos?

Atualmente, o projeto conta com 12 participantes fixos, e um grupo de 40 voluntários que ajudam em ações maiores, como (Páscoa, Natal).

- Maria Eugênia Lemos, 22 anos.
- Ana Luiza Amaral, 21 anos.
- Layane Alves Ferreira, 26 anos.
- Wanessa Gonçalves, 22 anos.
- Nayara Paloma, 20 anos.
- Tamyres Mendes, 16 anos.
- Geovana Mafalda, 16 anos.
- Danielle Pereira da Silva, 30 anos.
- Dhara Japiassú Martins, 18 anos.
- Pedro Augusto Belle, 20 anos.
- Nelson Torezani Junior 34 anos.
- Isadora Maria Teodoro, 22 anos.

6. Quais mudanças perceberam na comunidade com os trabalhos voluntários? Percebemos que existem muitas pessoas do bem, que estão dispostas a ajudar de alguma maneira o outro. Percebemos também, que ao fazer o bem, atraímos o bem. As pessoas se sentem amadas em nossas visitas, a gente faz de tudo para levar muito amor, luz, sorrisos.

7. O que o Grupo SOS Alegria sugere a comunidade escolar para trabalhos voluntários?

Acreditamos que o primeiro passo a ser dado, é empoderar os alunos, conscientizar de que eles são pessoas, vulneráveis, que podem errar e acertar, que são lindos e inteligentes como são. (1º passo: Comecem trabalhando por dentro, pelos alunos, fortalecendo a autoestima deles). Depois, começar o ato de voluntariado com os colegas, trabalhando contra o bullying, e trazendo a importância da empatia com o outro e consigo mesmo. Depois, podem buscar algum bairro carente que esteja precisando de cestas básicas ou roupas, ou brinquedos, e fazer um trabalho em equipe com os alunos, para arrecadarem e participarem da entrega, estando frente a frente com algumas realidades.

8. O que o grupo SOS Alegria sugere à comunidade acadêmica para trabalhos voluntários?

Ligas Acadêmicas, são excelentes para um projeto voluntário na faculdade. Nós já ministramos cursos com certificados para a Lapunirg (liga de palhaço terapia), onde eles fazem projetos voluntários, visitando hospitais e lar do idoso vestido de palhaços. Faculdade também é um bom lugar para arrecadar, fazer uma pesquisa na cidade, buscar um local muito carente, arrecadar cestas, roupas ou até irem equipes de médicos, dentistas, advogados. O intuito é levar oportunidades, ou alimentos, ou doações, ou somente amor. Existem muitas pessoas carentes não só financeiramente, mas que precisam ser olhadas com amor.

9. Qual importância que o projeto tem percebido ao longo dos anos na cidade?

São inúmeras importâncias. Nós procuramos e colaboramos com diversos bairros que são muito precários, que não são vistos. Nós adotamos algumas famílias muito carentes para todo mês levar alimentos ou outro tipo de doações. Nós percebemos eles (que recebem) mais esperançosos que o bem existe. Isso é lindo demais e nos inspira a continuar!

10. Como são organizada s as ações do projeto?

Nós temos um calendário, onde colocamos os lugares que podemos visitar no mês (casa de idoso, lar de adoção, bairros, hospitais). As visitas acontecem todos os domingos, o ponto de encontro é na casa da minha mãe (Ana Francisca, 52 anos) em Gurupi-TO. Os voluntários chegam por volta de uma hora antes da visita, para se arrumarem e se prepararem com calma. Nas visitas, uma toca violão, outro canta, outra dança. É um processo intuitivo! Na maioria das vezes não é nada treinado ou elaborado. Vamos sentindo o que cada lugar precisa! Alguns, precisam ser mais ouvidos, outros precisam sorrir, outros precisam de colo.

11. Porque ser voluntária?

É muito gratificante, fazer o bem sem esperar nada em troca. É saber que uma ação é capaz de mudar o dia de uma pessoa, e isso é o suficiente. A gente cria tantos laços, conhece tantas culturas, se depara com tantas realidades que são distantes para muitos de nós.

12. O que significa ser voluntário para vocês?

Ser voluntário é uma das coisas mais lindas que existe. É guardar a sua dor no bolso, e ir curar o outro. Ser voluntário é transformador, enriquecedor. É persistir em fazer o bem, sem olhar a quem, sem olhar a cor, sem olhar o jeito. Somos todos iguais! Ser voluntário é saber que estamos colaborando com o planeta, que estamos olhando além da nossa zona de conforto. Ser voluntário preenche o coração!

13. Que dicas e orientações poderiam dar às pessoas que desejam ser voluntárias?

A dica principal é: Querer. Quem quer, faz acontecer! Não foque nas dificuldades, pois sempre terão. Abaixar a própria régua de autocrítica, se permita sair da zona de conforto, se permita fazer algo novo, que preencha seu coração. Muitas pessoas sentem vontade de fazer um trabalho voluntário, mas não começam por medo de não ser suficiente, e aqui nesse espaço, eu afirmo: Cada gesto voluntário é suficiente.

Orientações:

- Antes de ir a qualquer entrega ou visita voluntária amarre o cabelo, muita criança tem piolho, e pode passar para o voluntário. Por isso, sempre de cabelo preso! - Antes de entrar em alguma casa ou quarto de hospital, peça licença. A maioria das pessoas permitem e ficam felizes. Mas há também as exceções que não nos tratam bem ou simplesmente não querem visita naquele momento, e precisamos acolher e respeitar o processo de cada um. Receber não como resposta pode ser desconfortável, quando isso acontecer, coloque um sorriso no rosto e diga “Tudo bem! Muito obrigada!” E siga, outras pessoas estão ansiosas por seu abraço, por sua doação, por sua visita.

- Se forem à casa do idoso, nunca cheguem conversando com eles de pertinho ou na frente deles. Já aconteceram casos de sermos chutados, de recebermos cuspes por conta do estresse que eles passam vivendo em um asilo, longe da família. Aprendemos a sempre conversar com cautela, e ao lado do paciente, nunca a frente. Nestes momentos, precisamos acolher eles, chamar alguém para ajudar ou se afastar para que o idoso se acalme.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Franny **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2001.
- BERGSON, Henri. **O Riso – Ensaio sobre a significação da comicidade**. Trad. Ivone Castilho Benedetti São Paulo: Martins Fontes, 2007. Título original: *Lerire*.
- BOLOGNESI, Mario Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.
 _____ Circo e Teatro: aproximações e conflitos. Sala Preta, São Paulo, N.6, p. 9-26, 2006.
- BOLOGNESI, Mario Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Edunesp, 2003
- BURNIER, Luis Otávio. **A arte de Ator: da técnica à representação**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.
- CRUZ, Maria de Nazare da. Cad. **Cedes**, Campinas, v. 35, n. Especial, p. 361-374, out. 2015.
- DE CASTRO, Alice. **Viveiros. o elogio da bobagem. Palhaços no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2005.
- FERRACINI, Renato. **A Arte de Não Interpretar Como Poesia Corpórea do Ator**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: **A arte e ciência na infância**. Campinas, 2011.
- GOMES marcelo batista. **A atuação de clowns no teatro**. Souvirouver Uberlândia v. 7 n. 1 p. 20-32 jan.|jun. 2011
- HUTTER, Gardi. **Criação: modos de pensar e de fazer. Mesa de debates**. Rev. Anjos do Picadeiro - Encontro Internacional de Palhaços, n. 6, 2007.
- LECOQ, Jacques. **O Corpo Poético - Uma pedagogia da criação teatral**. Tradução: Marcelo Gomes. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Edições SESC SP, 2010. Título Original: *Le corpspoétique: unenseignement de lacréationthéatrale*.

PUCETTI, Ricardo. **O riso em três tempos**. Revista do Lume, Campinas: UNICAMP, n. 1, 1998.

REIS, Demian Moreira. **Caçadores de Risos: o maravilhoso mundo da palhaçaria**. Salvador: Edufuba, 2013.

REVISTA USP, São Paulo, n.49, p. 169-175, março/maio 2001

RUIZ, Roberto. **Hoje tem espetáculo? As origens do circo teatro no Brasil**. Rio de Janeiro: Inacen, Minc, 1987.

STANISLAVSKI, Constantin. **A construção da personagem**. trad. Pontes de Paula Lima. – Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996. Título original: Building a character

REFERÊNCIAS DA INTERNET

Disponível em: <<https://bandnewsfmrio.com.br/editorias-detelhes/doutores-da-alegria-realiza-projeto-plateias>>/. Acesso em Maio de 2020.

Disponível em; <http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/17/palhacosemhospitaismundo.pdf> Acesso Junho de 2020.

Disponível em; https://pt.wikipedia.org/wiki/Hospital_de_Base_do_Distrito_Federal Acesso Junho de 2020.

Disponível em; <http://wellingtonnogueira.com.br/2018/09/21/conheca-a-nossa-plataforma-de-mandato/> Acesso Junho de 2020.

Disponível em; <https://doutoresdaalegria.org.br/conheca/sobre-doutores/> Acesso Junho de 2020.

Disponível em; <https://doutoresdaalegria.org.br/conheca/sobre-doutores/> Acesso Junho de 2020.

Disponível em; https://pt.wikipedia.org/wiki/Palhaço#cite_note-ferracini1-3. Acesso Junho de 2020.

Disponível em; <https://www.dicio.com.br/clown/> Acesso Junho de 2020.

Disponível em;
https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_da_Criança_do_Hospital_das_Clínicas_da_FMUS//
Acesso Junho de 2020.

Disponível em; <https://www.facebook.com/S.O.S.alegriaajudanooproximo//> Acesso Junho de 2020.